

Análise preditiva e big data: entre previsões, manipulações e psicopolítica.

Lucas Ribeiro

Universidade Federal do Paraná
<https://orcid.org/0000-0002-7260-5776>

Resumo: O presente artigo aborda a relação da sociedade com a tecnologia, que se dá em uma escala ampla. Primeiramente, isso se demonstra através de uma enxurrada de informações. Em segundo lugar, essa informação atinge níveis da psique do indivíduo que utiliza tecnologias de informação e de comunicação, pois, devido ao excesso de comunicação, vislumbra-se a possibilidade da transparência total, como se o sujeito tornasse público e externo seu conteúdo interno e subjetivo. Deste modo, o meio pelo qual nos comunicamos parece incentivar o excesso. A seguir, a comunicação por meios tecnológicos acontece de maneira que a reunião dessas informações “tornam possíveis prognósticos sobre o comportamento humano. Dessa maneira, o futuro se torna previsível e controlável” (HAN, 2018, p. 23). Tal transparência, segundo Byung-Chul Han, deriva da sociedade que era disciplinar, negativa e controladora, e que deu espaço para uma sociedade positiva, transparente e empreendedora. Por um lado, a sociedade negativa limita a liberdade, limitando o desempenho e, por outro lado, a sociedade positiva dá espaço para uma liberdade individual que não traça limites claros ao sujeito empreendedor. Essa falta de limites se personifica na forma de uma aparente transparência que, quando adotada por dado indivíduo, se demonstra como a exteriorização do conteúdo subjetivo e interior. Assim, consideramos a hipótese de que essa exteriorização da subjetividade só é possível na relação do indivíduo com a tecnologia, pois é através dela ele comunica as suas próprias informações, que

pode derivar na “dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo” (HAN, 2018, p. 23).

Palavras-chave: psicopolítica, neoliberalismo, big data, análise preditiva, depressão.

Abstract: This article addresses society's relationship with technology, which takes place on a broad scale. Firstly, this is demonstrated through a flood of information. Secondly, this information reaches levels of the psyche of the individual who uses information and communication technologies, for, due to the over-communication, one glimpses the possibility of total transparency, as if the subject made his internal and subjective content public and external. In this way, the means by which we communicate seems to encourage excess. Then, communication by technological means happens in such a way that the gathering of this information "makes possible predictions about human behavior. In this way, the future becomes predictable and controllable" (HAN, 2018, p. 23). Such transparency, according to Byung-Chul Han, stems from society that was disciplinary, negative, and controlling, and has made room for a positive, transparent, and entrepreneurial society. On the one hand, the negative society limits freedom by limiting performance, and on the other hand, the positive society makes room for an individual freedom that does not draw clear limits to the entrepreneurial subject. This lack of limits is embodied in the form of an apparent transparency that, when adopted by a given individual, is shown as the exteriorization of the subjective, inner content. Thus, we consider the hypothesis that this exteriorization of subjectivity is only possible in the individual's relationship with technology, as it is through it that he communicates his own information, which can derive in the “domination that allows to intervene in the psyche and that can influence it at a pre-reflective level” (HAN, 2018, p. 23).

Keywords: psychopolitics, neoliberalism, big data, predictive analytics, depression.

INTRODUÇÃO

O mundo movido pelos interesses neoliberais de consumo e lucro viu nos dados informacionais uma forma de gerar novos lucros, na medida em

que, Segundo Byung-Chul Han: “[...] os dados pessoais são completamente monetizados e comercializados. Hoje, as pessoas são tratadas e comercializadas como pacotes de dados que podem ser explorados economicamente” (HAN, 2018, p. 90). Isso aconteceu, entre outros fatores, porque uma técnica avançada de análise dessa grande quantidade de informações foi capaz também de “[...] alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo” (HAN, 2018, p. 23).

A sociedade que, ao menos desde o século XVII, pode ser caracterizada como disciplinar e negativa, foi substituída pela sociedade do desempenho e positiva. Essa transformação ocorreu, sobretudo, pelos interesses neoliberais em busca de lucro: “Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho” (HAN, 2015, p. 25). Uma pessoa livre, motivada ao desempenho consome e também gera muito mais produtividade do que uma pessoa disciplinada, controlada e negativa.

Além disso, outras consequências surgiram com a combinação entre sociedade do desempenho positiva e *big data*: As pessoas começaram a ser exploradas ao seu máximo, a política começou a se utilizar dos dados para influenciar a massa, assim como as grandes empresas fazem uso da propaganda direcionada a partir do fluxo de dados para vender mais. Assim, segundo Han: “O regime neoliberal introduz uma era do esgotamento. Hoje, explora-se a psique. Por isso, esta nova era é acompanhada de doenças mentais, como a depressão ou o *burnout*” (HAN, 2018, p. 46). Essa exploração psicológica, por sua vez, só é possível graças aos dados informacionais (*big data*) e ao aprendizado de máquina (*machine learn*):

O processo de aprendizado de máquina a partir dos dados desencadeia o poder deste recurso explosivo. Ele revela o que motiva as pessoas e suas ações - o que nos move e como o mundo

funciona. Com o novo conhecimento obtido, a predição se torna possível (SIEGEL, 2017, p. 5).

Essas máquinas entendem, através dos dados, o que precisa para que a pessoa interaja e engaje mais na comunicação digital, sendo, desta maneira, mais impactada, gerando mais dados e consequentemente tornando possível a predição de seus atos.

O CAMINHO ATÉ O *BIG DATA*

A humanidade provida de técnicas avançadas começou a criar dispositivos de comunicação. A Ericsson, empresa de celulares, foi uma das primeiras empresas a testar o MTA (Mobilie Telephony A), conhecido popularmente como celular; essa primeira versão só fazia chamadas e era gigante, extremamente inacessível. Com o passar do tempo, empresas como Apple e Microsoft criaram computadores que tinham uma lógica voltada para a produtividade no trabalho e nos estudos, com ênfase no uso pessoal. Essa tecnologia, assim como os celulares, abriu espaço para um novo tipo de comunicação. Ainda diferente dos celulares, os computadores eram capazes de navegar por uma rede conectada a muitos outros computadores, a *internet*. Empresas, futuramente, converteram essa rede, de forma adaptada, para os celulares. Hoje em dia, computadores, celulares, *tablets*, até carros, televisões e geladeiras estão conectados à *internet*. Essa conexão, quando utilizada por um indivíduo, gera informações; essas informações, normalmente, são o que a pessoa buscou, em que *hiperkinks* clicou, por quanto tempo permaneceu consumindo determinado conteúdo:

Hoje, cada clique que damos e cada termo que pesquisamos ficam salvos. Cada passo na rede é observado e registrado. Nossa vida é completamente reproduzida na rede digital. Os nossos hábitos digitais proporcionam uma representação muito mais exata de

nosso caráter, e nossa alma, talvez até mais precisa ou mais completa do que a imagem que fazemos de nós mesmos (HAN, 2018, p. 85).

Quando pensado de forma macro, este registro da vida, reproduzida nas redes digitais, é somado ao que conhecemos como *big data*. Tal conglomerado de informações não é, necessariamente, unificado, entretanto, é muito extenso e valioso devido ao potencial de exploração comercial pelas empresas. Tudo o que é feito em uma plataforma virtual é qualificado e, por conseguinte, convertido em dados. Esses dados são utilizados, por exemplo, para otimizar a experiência do usuário em sites, para entender melhor o que ele quer comprar ou procurar e, até mesmo, de que forma agir para ganhar votos:

Nas eleições norte-americanas, *big data* e data-mining de dados se revelam, de fato, o ovo de Colombo. Os candidatos têm uma visão em 360° dos eleitores. Gigantescas quantidades de dados de diferentes fontes são coletadas, na verdade compradas e conectadas entre si, para que possam produzir perfis eleitorais bem definidos. Com isso, também se adquire uma visão de vida privada e mesmo da psique dos eleitores. O micro-targeting é aplicado para abordar os eleitores com mensagens direcionadas e personalizadas, e assim influenciá-los. O micro-targeting, como prática de microfísica do poder, é uma psicopolítica movida por dados (HAN, 2018, p. 86-87).

A psicopolítica expõe as entranhas das ferramentas de predição, mostrando que muito além de uma aparente ferramenta de vendas e análise, a predição, como um todo, pode ser utilizada como arma de manipulação em massa.

BIG DATA, AP E SUAS IMPLICAÇÕES

O *big data* nada mais é que a unidade das informações virtuais em sua totalidade. Somente ele, quase nada gera de informações, sendo uma espécie de banco de dados. E, assim, sua extensão e variabilidade necessitam de uma análise totalmente desenhada para uma determinada aplicação exclusiva. Para isso, desenvolveu-se a “Análise Preditiva (AP) - tecnologia que aprende a partir de experiência (dados) para prever o comportamento futuro de indivíduos a fim de gerar melhores decisões” (SIEGEL, 2017, p. 13). Assim, como demonstra Siegel, a AP pode ser aplicada de forma a otimizar processos, beneficiando a todos em suas experiências virtuais. Um exemplo é a análise preditiva empregada no marketing empresarial. Pressupondo que uma empresa envia folders promocionais a seus clientes, ela obterá melhores resultados se souber quais de seus clientes são mais impactados com tal propaganda, de modo que menos lixo é produzido e, consequentemente, menos recurso natural é gasto; a empresa economiza, maximizando seus lucros e quem não gostaria de receber folders de propaganda, não as recebe. Pensando por esse lado, a ideia de uma análise mais detalhada desses dados parece ser boa, até que se deparamos com exemplos como:

O facebook prevê quais entre as milhares de publicações de seus amigos vão lhe interessar mais toda vez que você utiliza o mural de notícias. A rede social também usa predição para sugerir “pessoas que você talvez conheça”, sem mencionar em quais propagandas você tem mais chance de clicar (SIEGEL, 2017, p. 6).

Como se medir cada interação desenvolvida em uma rede social não fosse o bastante, a AP, por meio do *big data*, também permite que:

A predição bisbilhota no seu futuro privado. Estes casos envolvem a dedução corporativa daquilo que era previamente desconhecido, fatos confidenciais: você está pensando em largar o emprego? Você está grávida? Esse não é um caso de vazamento, má

administração ou roubo de dados. Em vez disso, é a geração de novos dados, a descoberta indireta de verdades oferecidas involuntariamente sobre as pessoas (SIEGEL, 2017, p. 43).

O mais impressionante é que tais informações como a gravidez e mudar de emprego não são diretamente explícitas, elas são deduzidas a partir de informações, como, por exemplo, a compra de um shampoo. Um dado revela, que determinado shampoo sempre que é comprado por mulheres, existe uma grande possibilidade que a mesma esteja grávida. Muitas vezes uma empresa sabe dessa informação antes do pai, ou até mesmo da própria mãe. A AP não somente se utiliza dos dados, ela também gera novos dados a partir dos já existentes. Mas e nossa privacidade, fica como?

Exonere os cientistas de dados e sua adorada invenção. A AP sozinha não invade a privacidade - seu processo principal é o oposto da invasão da privacidade. Embora, às vezes, seja chamada de mineração de dados, a AP não faz um ‘detalhamento’ para espiar os dados de um indivíduo. Em vez disso, a AP, na verdade, ‘embala’ os padrões de aprendizado que são verdadeiros de modo geral por meio de processamento automático de grandes quantidades de dados de registros dos clientes. A mineração de dados frequentemente é vista como criminosa quando as pessoas não entendem e distorcem completamente seu significado (SIEGEL, 2017, p. 51).

Antes fosse tão simples assim, como pretende Siegel, “para ajudar nas decisões de condicional e condenações, oficiais nos estados como Oregon e Pensilvânia consultam máquinas de prognóstico que avaliam o risco de um condenado voltar a delinquir” (SIEGEL, 2017, p. 10). Decisões sobre vidas já estão sendo baseadas em estatísticas, nossa liberdade está se resumindo a um mero dado previsível baseado em como outros agiram anteriormente. Pensar essas questões é um tanto quanto inquietador, entretanto, existe algo ainda mais obscuro e medonho, a psicopolítica:

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de

semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida. O ser humano é descoberto e tornado objeto de exploração (HAN, 2018, p. 45).

Explorar a vida por completo, além da jornada de trabalho, é o que o neoliberalismo faz ao explorar e incentivar a liberdade. Essa liberdade pautada em resultados, eficiência, lucro, positivismo e transparência ajudam nas técnicas de dominação neoliberal. Por consequência, grupos políticos utilizam dessas ferramentas (a aparente liberdade e o contingente de dados) para obter vantagens, criar discursos paralelos e ganhar apoio popular.

O neoliberalismo é um sistema muito eficiente, diria até inteligente – na exploração da liberdade: tudo aquilo que pertence às práticas e às formas de expressão da liberdade (como a emoção, o jogo e a comunicação) é explorado. Explorar alguém contra a sua própria vontade não é eficiente, na medida em que torna o rendimento muito baixo. É a exploração da liberdade que produz o maior lucro (HAN, 2018, p. 11 - 12).

O maior lucro é aquilo que, segundo Han, o neoliberalismo busca como finalidade. A tal liberdade surge apenas como um mecanismo de maximização dos resultados de lucro. O humano explorado a favor de sua vontade, em nome da tal liberdade, rende e gera muito mais.

PSICOPOLÍTICA

A partir da utilização do *big data* e AP, grupos políticos ganham terreno político e se tornam potencialmente capazes de interferir psicologicamente na decisão de seus eleitores. Segundo Byung Chul Han: “Em todo caso, os *big data* tornam possível uma forma de controle muito eficiente. Oferecemos uma

visão em 360° dos seus clientes é o slogan da empresa de big data norte-americana Acxiom” (HAN, 2018, p. 78). Através dessa afirmação podemos ter um panorama da possibilidade que os dados trazem consigo, potenciais de controle, na medida em que, segundo Han, “trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo” (HAN, 2018, p. 23). Mas afinal, como acontece tal intervenção?

Em resposta, Han correlaciona a sociedade da transparência com o consumo, pois, para ele: “Hoje, a negatividade está desaparecendo por todo lado. Tudo é nivelado e se transforma em objeto de consumo” (HAN, 2017, p. 9). E, no entanto, a ausência da negatividade, que permite a superexploração da subjetividade, gera a depressão.

A depressão é uma enfermidade narcísica. O que leva à depressão é uma relação consigo mesmo exageradamente sobre carregada e pautada num controle exagerado e doentio. O sujeito depressivo-narcisista está esgotado e fatigado de si mesmo. Não tem mundo e é abandonado pelo outro (HAN, 2017, p. 10).

Esse exagero de si mesmo existe a partir do momento que a enxurrada de informações disponíveis na internet capturam um indivíduo. Tal indivíduo acaba fazendo dessa informação algo interno, seu, parte constitutiva de seu ego, devido ao olhar e à apreciação que parece receber do outro. Na medida em que tudo vai adentrando seu eu, tudo se torna positivo a ponto de nada negá-lo, não existindo nada que o possa livrar do esgotamento de si. Neste momento, em que se percebe não ter mundo, mas apenas uma subjetividade aparentemente apreciada, e que se percebe também o abandono pelo outro, pois se esconde, sozinho, em um isolamento que pode ser metaforicamente descrito como buraco cavado por si mesmo, para fugir do sofrimento, eis a depressão:

Os outros métodos nos quais evitar o desprazer é a intenção predominante se diferenciam conforme a fonte de desprazer a que mais dirigem a atenção. Alguns são extremos, outros, moderados, alguns são unilaterais e outros atacam vários pontos simultaneamente. O deliberado isolamento, o afastamento dos demais é a salvaguarda mais disponível contra o sofrimento que pode resultar das relações humanas (FREUD, 2010, p. 22).

O indivíduo que sofre procura se esconder como em uma estratégia de autopreservação psicológica, se afastando, criando um local de isolamento em relação ao mundo, em relação aos outros. A partir daí, o indivíduo que sofreu acaba não se frustrando ainda mais:

Outra técnica de afastar o sofrimento recorre aos deslocamentos da libido que nosso aparelho psíquico permite, através dos quais sua função ganha muito em flexibilidade. A tarefa consiste em deslocar de tal forma as metas dos instintos, que eles não podem ser atingidos pela frustração a partir do mundo externo (FREUD, 2010, p. 24).

Essa pessoa isolada, por vezes sem muito respaldo do mundo em si, e tendo se afastado dele e das pessoas para evitar o sofrimento, acaba sendo atingida pela psicopolítica. Considerando as informações que tal pessoa disponibiliza na *internet*, cria-se um espaço para um discurso paralelo, o qual nem sempre corresponde à realidade e que é mais confortável, podendo ocupar, até mesmo, o lugar do mundo externo e real, ao qual transfere o seu sofrimento. Os políticos podem se utilizar desse afastamento, físico e psicológico, para criar narrativas. Tal narrativa, que não necessariamente corresponde à realidade, é o que Freud chama de delírio de massa:

Mais enérgico e mais radical é um outro procedimento, que enxerga na realidade o único inimigo, a fonte de todo sofrimento, com a qual é impossível viver e com a qual, portanto, devem-se romper todos os laços, para ser feliz em algum sentido. O eremita dá as costas a este mundo, nada quer saber dele. Mas pode-se fazer mais, pode-se tentar refazê-lo, construir outro em seu lugar, no qual os aspectos mais intoleráveis sejam eliminados e substituídos por outros conformes aos próprios desejos. O indivíduo que, em desesperada revolta, encetar este caminho para a felicidade, normalmente nada alcançará; a realidade é forte demais para ele. Torna-se um louco, que em geral não encontra quem o ajude na execução de seu delírio (FREUD, 2010, p. 25).

Esse delírio é, tradicionalmente, identificado com a religião, entretanto se encaixa perfeitamente quando pensamos também no caso da psicopolítica. Por exemplo, no caso mundialmente conhecido das *fake news*, que, reproduzido por personalidades políticas do mundo inteiro, as informações falsas que construíram narrativas paralelas e, nos termos de Freud, delirantes propagadas pelos meios de comunicação digital.

Tais meios, como já dito, analisam o que a pessoa quer, e, desse modo, o político, disposta dessa informação via AP, converte seu discurso em uma base que seja aceita por pessoas que estejam ou não em sofrimento, podendo produzir, conjuntamente, um mundo inexistente e delirado. O político, em contrapartida, ganha relevância, assume o discurso e propaga a felicidade para tais pessoas. “É de particular importância o caso em que grande número de pessoas empreende conjuntamente a tentativa de assegurar a felicidade e proteger-se do sofrimento através de uma delirante modificação da realidade” (FREUD, 2010, p. 25). Para além dos evidentes problemas que isso causa, a enxurrada de informação gera a falta de negatividade, assim como a sociedade do desempenho. Esta falta de negatividade e o incentivo ao desempenho são reforçadas pela lógica neoliberal, que, além disso, utiliza as informações para gerar lucro.

IMUNIDADE PSICOLÓGICA

A dialética da negatividade é o traço fundamental da imunidade. O imunologicamente outro é o negativo, que penetra no próprio e procura negá-lo. Nessa negatividade do outro o próprio sucumbe, quando não consegue, de seu lado, negar àquele. A autoafirmação imunológica do próprio, portanto, se realiza como negação da negação. O próprio afirma-se no outro, negando a negatividade do outro (HAN, 2015, p. 13-14).

Isso acontece porque o negativo visto como perigo é procurado e negado. No desenvolvimento viral de uma doença, o sistema imunológico a combate na medida em que existe uma relação interior - exterior, dentro - fora, conhecido - desconhecido, amigo - desconhecido e próprio - estranho. Quando essa relação deixa de existir, o sistema por si próprio não identifica a violência viral. Isso acontece porque, em um campo pacificado, a negatividade não existe e tudo se torna positivo. Esse campo de pacificação positivo é aspecto preponderante em nossa sociedade.

Acontece que, em um primeiro momento, tudo parece positivo dado a superexposição da subjetividade por meio da tecnologia. Em um segundo momento, essa superexposição gera um nível de aceitação muito grande a tudo. Em um terceiro momento, isso se torna, na consciência do indivíduo, uma violência neural gerada pela ausência da negatividade (e a consequente imanência dessas informações).

O problema disso, para Han, é que “a comunicação generalizada e a superinformação ameaçam todas as forças humanas de defesa.” Essa ameaça acontece quando a informação é interiorizada pelo sujeito por meio da comunicação tecnológica, deixando de ser estranho e desconhecido. Considerando a perspectiva imunológica, esse desconhecimento é importante porque a defesa é feita contra aquilo que é desconhecido (perigoso e

estranho). Essa tentativa só ocorre quando há diferença entre dentro e fora, o que não ocorre quando um sujeito é exposto a uma sobrecarga de informações que tornam muitas coisas imanentes ao seu intelecto. Essa positividade em excesso é geradora de depressão, porque exige que o sujeito seja, ele mesmo o tempo todo, e isso provoca o esgotamento do esforço de ser ele mesmo. Além disso, a depressão também pode ser intensificada pela carência de vínculos, considerando a fragmentação e atomização social consequente da comunicação tecnológica e positiva.

LIBERALISMO E DESEMPENHO

O liberalismo, isto é, a ideia de ser livre ao máximo, é, propriamente, uma maximização do consumo, do desempenho e também do lucro. Antigamente, os homens submetidos ao que Foucault chamou de sociedade disciplinar eram submetidos à disciplina, às regras e à negação. Hoje, em busca de mais lucro, se explora a própria liberdade e, assim, um indivíduo positivo, livre e empenhado é capaz de produzir, consumir e gerar mais lucro. Deste modo, segundo Han:

O plural coletivo da afirmação Yes, we can expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (HAN, 2015, p. 24-25).

O que existe de mais íntimo ao liberalismo não é precisamente a liberdade, mas sim o lucro. Assim, Han nos informa que: “A autoexploração é muito mais eficiente do que a exploração alheia, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (HAN, 2017, p. 22). O sujeito, enquanto

submetido ao desempenho sofre, pelo menos, três consequências: a primeira aparece como esquecimento do corpo na busca pelo autoempreendimento, sua consequência é o cansaço, a fome e a doença. A segunda surge como a busca pelo melhoramento ou pela cura através da biotecnologia, tal que resulta na dependência das “tiranias e das delícias do upgrade” (SIBILIA, 2015, p. 14), o que indica a insatisfação consigo mesmo. A terceira consequência é a depressão causada pela necessidade cultural do fluxo e da mudança em direção ao desenvolvimento. E, assim: “No autoempreendimento de nós mesmos, faz com que, pelo menos por alguns momentos, esqueçamos o corpo. Até que ele nos forneça sinais das restrições que nos impõe: o cansaço, a fome, a doença” (Aymoré, 2019, p. 102). A busca pelo desempenho esgota o ser fisicamente e o engana, com uma aparentemente liberdade, consequente dos resultados do empenho em busca do lucro.

TRANSPARÊNCIA

Segundo Han, observa-se que “Nos dias atuais não há mote que domine mais o discurso público do que o tema da transparência. Ele é evocado enfaticamente e conjugado sobretudo como tema da liberdade da informação”. (HAN, 2017, p. 9), podemos supor que a transparência é importante, inclusive, para a eliminação da negatividade, pois:

As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasas e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação. As ações se tornam transparentes quando se transformam em operacionais, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle (HAN, 2017, p. 10).

A total transparência em uma sociedade desconhece o outro, o estranho. Após isso, ela se transforma em uma sociedade uniformizada. Muito

além do que a transparência parece evocar, isto é, a verdade, ela é um acúmulo de informações que não dizem algo, que não mostram necessariamente sentido evidente:

Nem a verdade nem a aparência são transparentes; somente o vazio é totalmente transparente. Para exorcizar esse vazio coloca-se em circulação uma grande massa de informações, sendo que a massa de informações e imagens é um enchimento onde ainda se faz sentir o vazio. Assim, mais informações e mais comunicação não clarificam o mundo; a transparência tampouco o torna clarividente. A massa de informações não gera verdade, e quanto mais se liberam informações tanto mais intransparente torna-se o mundo (HAN, 2017, p. 96).

A psicopolítica e o mercado econômico se utilizam desse fenômeno para lucrar. Deste modo, os políticos podem até mesmo criar redes de apoio mais fortes e as empresas podem utilizar os dados gerados nessa grande massa de informações para atingir seus clientes de forma mais impactante e individualizada:

As mídias sociais e sites de busca constroem um espaço de proximidade absoluto onde se elimina o fora. Ali encontra-se apenas o si mesmo e os que são iguais; já não há mais negatividade, que possibilitaria alguma modificação. Essa proximidade digital presenteia o participante com aqueles setores do mundo que lhe agradam. Com isso, ele derruba o caráter público, a consciência pública; sim, a consciência crítica, privatizando o mundo. A rede se transforma em esfera íntima ou zona de conforto. A proximidade pela qual se elimina a distância também é uma forma de expressão da transparência (HAN, 2017, p. 81).

A eliminação do fora e do estranho torna o ambiente confortável e agradável. Esse mecanismo é utilizado para prender os usuários com User Experience (UX), predição, marketing e afins. O neoliberalismo se utiliza da transparência para eliminar a negatividade e a possibilidade de modificação e

crítica. Em troca do fim da negatividade, o digital presenteia o usuário com o mundo que lhe agrada (descoberto através das informações obtidas por meio da transparência).

CONCLUSÃO

A análise preditiva e os *big data* podem ser usados de maneiras benéficas, em prol do bem comum. Entretanto, os perigos que elas geram através da dominação política é extremamente preocupante. A capacidade de intervir na psique dos indivíduos, os alienando em massa ao ponto de causar um delírio coletivo, pode gerar catástrofes, uma vez que essas pessoas veem no mundo aquilo que, na realidade, não existe.

Além disso, o estilo de vida do neoliberalismo, pautado no desempenho e na transparência gera um cansaço que esgota, podendo levá-lo até mesmo à morte, estando sempre dividido, nunca contemplando a vida, apenas consumindo e produzindo. A imunidade psicológica também explora e relembra a fragilidade dos seres humanos; chega um momento em que o sistema de defesa imunológico não é sequer capaz de distinguir os limites do indivíduo e acaba não atuando contra aquilo que poderia ser estranho e perigoso a sua psique.

Dois transtornos psicológicos podem decorrer deste contexto: a depressão e a ansiedade. Considerando, (1) A relação entre sociedade e tecnologia gera a super informação; (2) a superinformação gerada pela relação sociedade-tecnologia resulta no controle psicopolítico; (3) tal relação também gera a positividade que influencia na nossa angústia que pode chegar ao diagnóstico de depressão, resultante da chamada “violência neural”; (4) a transparência que resulta dessa relação positiva entre sociedade e meios de comunicação tecnológicos.

Assim, a superinformação que está presente em (1) é o resultado da transparência que se apresenta em (4). O que isso nos mostra é que as quatro condicionantes da sociedade do cansaço e da transparência, para utilizarmos as expressões empregadas por Han, conversam entre si, de forma relacionada e interdependente. Desta forma, evidencia-se que a relação sociedade-tecnologia expõe os seres humanos a vários problemas, tais como a dependência, a depressão, o controle psicológico por meio de dados informacionais, a violência neural e a própria psicopolítica além, é claro, do incentivo constante do neoliberalismo e da sociedade positiva ao desempenho pós-disciplinar, assim, não negativo.

* * *

Referências

AYMORÉ, Débora de Sá Ribeiro. "Do biopoder à psicopolítica". In: *investigações filosóficas*, v. 10, no 2, p. 101-111. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/investigacaofilosofica/article/view/5532> (acesso:Junho/2021).

FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos*. Trad. Paulo Cézar Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.be

HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Trad. Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

_____. *Sociedade da transparência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

SIBILIA, Paola. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SIEGEL, Eric. Análise Preditiva: *O poder de prever quem vai clicar, comprar, mentir ou morrer*. Trad. Wendy Campos. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

Recebido 15/06/2021

Aprovado 27/12/2021

Licença CC BY-NC 4.0

